

# A REDUÇÃO DA MÚSICA PERANTE À SOCIEDADE CAPITALISTA\*

LUÍS RISSARDO\*\*

## RESUMO

Esta pesquisa analisa os fatores que colaboraram para a objetificação da música e detrimento de seu valor artístico, destacando como as produções contemporâneas divergem em profundidade e propósito em comparação às composições de gerações passadas. A pesquisa explora como a indústria fonográfica e as redes sociais, principalmente plataformas de vídeos rápidos como TikTok e o “Reels” do Instagram, influenciaram no processo de composição. A análise se baseia em fontes acadêmicas, jornalísticas e documentários, enfatizando a forma como a música deixou de ser uma forma de expressão crítica para um produto comercial supérfluo. Além disso, o trabalho reflete sobre as críticas de artistas renomados que questionam o modelo de produção atual evidenciando a severidade do problema.

## PALAVRAS-CHAVE

Música; Indústria Fonográfica; Redes Sociais

## INTRODUÇÃO

Música, uma forma de expressão artística, crítica, política, filosófica; ela evolui juntamente com a humanidade e faz parte da nossa história há milênios. Sua origem é incerta e seus registros mais antigos datam de mais de 60 mil anos atrás (ALENCAR, [s. d.]).

Seu valor cultural é inestimável, visto que ela é utilizada para diversos fins, como uma crítica social, uma retratação, uma expressão e até mesmo uma forma de tentar conscientizar o

ouvinte sobre um determinado tema.

A partir desse entendimento, voltamo-nos para as recentes polêmicas relacionadas às produtoras musicais que tem pressionado artistas à lançarem músicas que viralizassem, e, além disso, analisando as músicas atuais e comparando as produções contemporâneas com as composições clássicas e do século XX, estabelecemos para este artigo a seguinte inquietação: qual foi a trajetória e principais

\* Este artigo é resultado de pesquisa realizada a propósito da disciplina de Pesquisa e Produção Acadêmica ministrada pelo professor Vinicius Furquim de Almeida, no Colégio Sinodal Prado, no ano de 2024

\*\* Estudante do 3º ano do Ensino Médio do colégio Sinodal Prado.

motivos que levaram à divergência das produções musicais, que não possuem mais profundidade, da essência da música?

Para a realização desta investigação, foram utilizadas informações relevantes aos assuntos “música”; “evolução da música”, “indústria musical”; “evolução da música”. As fontes para os dados analisados foram extraídas de artigos em plataformas de pesquisas de textos científicos, como o “Google Acadêmico”, “SciELO” e “Jstor”; matérias de jornais digitais, como o “Metrópoles”, que realizaram entrevistas com pessoas experientes no assunto; e documentários disponíveis em plataformas digitais, tais como o “Youtube”. Os resultados e as reflexões deles derivadas são apresentados a seguir.

## A PROPÓSITO DO CONCEITO DE MÚSICA

Antes de mais nada, é importante destacar que, como a música existe há muito tempo e pesquisas sobre ela são feitas frequentemente, não haverá um limite de datas de publicação para os materiais serem analisados nessa pesquisa, o critério de avaliação será a relevância e veracidade dos dados presentes no selecionado conteúdo.

Outrossim, deve-se destacar que o conceito de música não é concreto, ou seja, não há uma única definição de música. Em uma pesquisa realizada por Lina Maria Ribeiro de Noronha e Mônica Vermes sobre Dahlhaus e seu conceito de música, fala-se que:

“Além do aspecto histórico, Dahlhaus nos lembra também o enfoque a respeito deste problema de conceituação de “música” em um sentido de abrangência universal, que considera as diferenças regionais e

étnicas. O que um ocidental chama de “música” implica em um significado que não diz respeito apenas a fatos sonoros, mas também à consciência destes fatos. Portanto, o nosso conceito de música não pode ser separado do contexto extramusical em que está inserido, o que inclui nossa postura consciente diante desses fenômenos sonoros. E como colocaríamos nesse conceito as manifestações sonoras de culturas onde essa consciência, essa abstração chamada “música” não existe? (NORONHA; VERMES, [s. d.], p. 3)

Dessa forma, analisa-se que “música” não é apenas a composição de melodias, mas também uma parte da sociedade na qual ela está inserida. Portanto, a fim de facilitar a compreensão, o termo “música” será utilizado, nessa pesquisa, para referir-se à música comercial, aquela que é produzida e publicada.

Por fim, enfatiza-se que as composições musicais analisadas nessa pesquisa foram selecionadas a partir do século XX, época em que a indústria musical já estava consolidada.

No século XX, a consolidação da indústria fonográfica transformou a música em um produto de massa, moldado por interesses comerciais, mas também por movimentos artísticos e sociais. Desde o surgimento do rádio, passando pelos dos discos de vinil e das fitas cassete, até o CD e, mais tarde, o MP3, a maneira como as pessoas consomem música tem sido constantemente redefinida. Hoje, com o advento das plataformas de streaming e redes sociais, como o TikTok e o Instagram, a música não apenas se ajusta ao mercado, mas é moldada por algoritmos que favorecem o que é breve, viral e facilmente compartilhável.

Com a globalização, gêneros antes regionais, como o reggaeton e o K-pop, alcançaram reconhecimento mundial. No entanto, para conquistar audiências internacionais, muitos artistas adaptam suas composições, privilegiando letras em inglês, fórmulas melódicas simples e padrões rítmicos que se ajustem às expectativas globais. Essa adaptação, enquanto promove a expansão do alcance, também ameaça a autenticidade e a diversidade cultural, tornando a música mais baseada em fórmulas do que uma forma de expressão de suas raízes.

Nesse contexto, vale lembrar que o conceito de "música comercial" também se adaptou, passando a refletir um novo tipo de consumo, pautado por cliques, visualizações e compartilhamentos em vez de vendas físicas ou downloads digitais. Esse cenário contemporâneo desafia o modelo de criação artística, uma vez que a própria estrutura da música muitas vezes é adaptada para maximizar sua "viralização". Ritmos acelerados, letras curtas e refrões repetitivos são apenas alguns exemplos de como as canções estão sendo ajustadas para capturar a atenção em poucos segundos — um tempo ínfimo, se comparado à experiência musical do passado, onde álbuns inteiros eram consumidos de forma linear e apreciada.

Para exemplificar, pode-se analisar as diferenças entre o pop dos anos 1990 e dos de 2020. Enquanto Michael Jackson abordava temas diversos em suas composições, indo de amor, em *The Way ou Make Me Feel* (Jackson, 1987) a críticas sociais sobre o detrimento da natureza, em *Earth Song* (Jackson, 1995); Taylor Swift, artista de pop mais ouvida atualmente, compõe apenas dramas e lamentações românticos, podendo analisar seu álbum intitulado *1989* (Swift, 2014), cujas

músicas são, majoritariamente, sobre desejos românticos, amores platônicos e relacionamentos tóxicos. Tal padrão percorre toda a discografia da artista.

A relevância desse fenômeno não pode ser subestimada. A música comercial hoje não é apenas um reflexo de gostos e tendências de mercado, mas também da maneira como interagimos socialmente em ambientes digitais. O impacto dessa transformação tecnológica e comportamental deve ser analisado com atenção, uma vez que redefine o papel do artista, da indústria e do próprio público no consumo e produção musical. O desafio atual é equilibrar as demandas de um mercado que privilegia a rápida circulação de conteúdos virais com a preservação da música como uma forma de arte significativa e expressiva.

Não se pode ignorar o papel do público nesse processo de reformulação musical. A preferência por experiências rápidas e repetitivas, potencializada por mecanismos de compartilhamento, molda a oferta do mercado. As plataformas de streaming e redes sociais, como o TikTok, se tornaram mais do que ferramentas de consumo, elas são espaços onde o público atua como curador, promovendo músicas que se encaixam no formato viral. Essa interação redefine o que é valorizado na produção musical contemporânea.

## A SONORIDADE DAS REDES SOCIAIS

A música brasileira, assim como a música de vários outros países, caracteriza-se por um amontoado de gêneros distintos com funções distintas na sociedade. Temos músicas expressivas, no caso do sertanejo, temos músicas críticas, como um dia já foi o funk, temos músicas religiosas, o gospel, entre outros

gêneros.

Como exemplo, podemos citar o funk carioca como um ótimo modelo de como a música serviu como crítica ao retratar preconceitos contra a favela e seus moradores. (Mizrahi, 2016)

Diante disso, podemos citar o Rap das Armas, dos MC's Júnior & Leonardo, uma famosa composição crítica à realidade do Morro do Dendê. Na música, cria-se uma imagem de constante perigo, retratando o local como perigoso para os moradores e para a polícia pois, na letra, os artistas cantam que “Aqui (no Morro do Dendê) não tem mole nem pra DRE”. No entanto, a hostilização à polícia e a crítica à criminalidade não são as únicas críticas; essa música denuncia a introdução de jovens, principalmente crianças, ao crime, como no trecho: “Lá vem dois irmãozinhos de 762”. Essa é uma das músicas mais conhecidas do funk nacional e foi lançada em 1995.

Assim, é evidente o tema da composição e sua utilização como uma forma de expressão crítica a um problema social. No entanto, deve-se ressaltar que milhares de outras músicas serviram à um propósito, tais como Tempo Perdido, da banda Legião Urbana, que retrata a temática da efemeridade da vida e crítica a capacidade das pessoas de se conformarem com a rotina a qual se submetem diariamente.

No entanto, com o rápido crescimento das redes sociais, tornou-se evidente que a música está perdendo aceleradamente esse valor expressivo e assumindo cada vez mais o valor de, apenas, produto comercial. Consoante às críticas públicas de compositores, as gravadoras estão priorizando a produção viral - que consiste em publicar músicas que possuem maior chance de se popularizarem nas redes sociais - porque ela se torna mais lucrativa que a produção “natural”.

(redacaoterra, 2022).

Portanto, para entender o que causou tamanha mudança no cenário fonográfico, devemos analisar os principais eventos do mundo musical e digital para identificar um ponto chave que culminou em tal problemática.

A indústria fonográfica demarca o início do aprofundamento da relação entre música e sociedade, pois, através do avanço tecnológico, estabeleceu-se um novo padrão de qualidade, promovendo maior excelência nas composições populares. Consequentemente, o progresso esperado foi ocorrendo na maior parte do tempo pós criação da indústria, porém, atualmente, é evidente sua estagnação. Isso se deve, majoritariamente, às plataformas digitais de conexão social.

Tais plataformas são aquelas que conectam usuários e permitem o compartilhamento de conteúdo audiovisual, incluindo, por consequência, músicas. Durante a pandemia do Sars-Cov-2 (covid-19), principalmente entre os anos 2020 e 2021, as redes sociais tornaram-se fundamentais para o marketing, visto que os cidadãos de países em quarentena foram privados de eventos sociais presenciais - nesse caso, shows de música foram cancelados - e isso culminou na maior utilização desses aplicativos.

Assim, deve-se destacar o exponencial crescimento do TikTok e do Instagram, duas das redes sociais mais usadas no mundo, ambas contando com bilhões de contas. Esses apps se popularizaram muito entre o público jovem, com destaque para os adolescentes, graças às dancinhas, um tipo de conteúdo onde pessoas se gravam dançando ao som de uma música popular. Esse tipo de conteúdo se espalhou rapidamente e se consolidou entre as categorias mais assistidas no TikTok, com mais de 180 bilhões de visualizações. (TikTok Users,

Stats, Data, Trends, and More, [s. d.]

Com tamanha popularidade, grandes criadores de conteúdo dessas plataformas engajaram na moda e começaram a produzir suas próprias dancinhas e, somando a influência da pessoa com a popularidade do conteúdo, é claro que os consumidores estarão propensos a gostar da música presente no vídeo que estão assistindo.

Exemplificando, podemos fazer alusão à “Nyannyancosplay”, uma TikToker que viralizou por conta de um vídeo onde dançava ao som de “Mia Khalifa” de iLOVEFRiDAY, ou Hit or Miss, nome pelo qual a música ficou conhecida. O vídeo conta com dezenas de milhões de reproduções até mesmo em plataformas externas, como o Youtube. Destarte, é notável a sua influência sobre tal categoria de vídeo, que passou a crescer cada vez mais.

Como consequência do impulsionamento de divulgação de músicas promovido pelas dancinhas do TikTok, as gravadoras de música passaram a priorizar a publicação de conteúdo viral - aquele com maior probabilidade de se popularizar rapidamente em redes sociais - para gerar maior engajamento e, consequentemente, mais lucro e visibilidade para a empresa. Isso é criticado por artistas, como a Adele e o Ed Sheeran, que, em entrevistas e em declarações, dizem se sentirem presos a um modelo de produção que deve ser seguido para poder ser publicado. (redacaoterra, 2022)

Como resultado, artistas são impedidos de produzirem seu conteúdo, que foi elaborado para ser publicado e transmitir uma mensagem, e forçados a se submeterem às fórmulas de viralização musical necessárias para engajamento em mídias sociais e isso tudo apenas para popularizar a gravadora responsável pela divulgação do conteúdo.

## CONCLUSÃO

A música tem sido progressivamente moldada por dinâmicas mercadológicas e pela busca incessante pelo sucesso nas redes sociais. A comparação entre composições dos séculos XX e XXI evidencia como a diversidade temática presente em composições de artistas, como Michael Jackson, foi substituída, majoritariamente, por produções que exploram temas mais restritos, como relacionamentos pessoais, que possuem maior engajamento entre o público global. Essa transformação reflete não apenas uma mudança nas preferências do público, mas também a influência de estratégias comerciais que priorizam a viralização e o consumo rápido em detrimento da profundidade artística. Assim, a música contemporânea demonstra os desafios de preservar sua essência cultural em meio às pressões de um mercado cada vez mais orientado pelo capitalismo e pela lógica do efêmero.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, V. P. Música - origem: Sons e instrumentos. **UOL Educação**. [S. l.], [s. d.]. Educacional. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/musica---origem-sons-e-instrumentos.htm>. Acesso em: 26 ago. 2024.
- NORONHA, L. M. R.; VERMES, M. **O conceito de música segundo Dahlhaus**. [s. d.]. 6 f. [s. l.], [s. d.].
- MIZRAHI, M. A música como crítica social: lógica dual e riso conectivo no funk carioca. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, v. 27 n. 2, p. 64-96, 2016.

JACKSON, Michael. Billie Jean. **Thriller**. Los Angeles: Epic Records, 1982. 4 min 54 s. Streaming.

JACKSON, Michael. Earth Song. HIStory: **Past, Present and Future**, Book I. Los Angeles: Epic Records, 1995. 6 min 46 s. Streaming.

SWIFT, Taylor. **1989**. Los Angeles: Big Machine Records, 2014. Álbum. Streaming.

TIKTOK USERS, STATS, DATA, TRENDS, AND MORE. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://datareportal.com/essential-tiktok-stats>. Acesso em: 26 ago. 2024.

TOMAZ, Reginaldo. Reféns do TikTok: cantores relatam pressão de gravadoras para viralizar na plataforma. [S. l.], 2022. **Byte**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/byte/refens-do-tiktok-cantores-relatam-pressao-de-gravadoras-para-viralizar-na-plataforma,3492a87b9fe7ac159a740c5866c2f373frxcgxdz.html>. Acesso em: 26 ago. 2024.